

Voz, gênero e performance: caminhos para práticas corais inclusivas

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: PERFORMANCE MUSICAL

Anderson Vieira da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro
andersonmusica.educ@gmail.com

Juliana Melleiro Rheinboldt
Universidade Federal do Rio de Janeiro
julianamelleiro@musica.ufrj.br

Resumo. Este trabalho apresenta um recorte de uma pesquisa de mestrado de caráter exploratório que investiga as especificidades vocais de coralistas trans no contexto do canto coral adulto. Fundamentado em uma abordagem qualitativa, o estudo compreende a voz como uma construção sociocultural atravessada pela identidade de gênero. Por meio de entrevistas semiestruturadas com profissionais que lidam com coralistas trans, analisa-se como o gênero influencia a classificação vocal, a organização dos naipes e as estratégias didáticas nos ensaios. A investigação busca evidenciar a relação em música coral e diversidade de gênero, contribuindo para o reconhecimento, a valorização e o pertencimento das vozes trans nos espaços artísticos-musicais. No presente artigo, é discutido sobre os atravessamentos entre gênero, vocalidade e performance. Os principais referenciais teórico-metodológicos são: Scott (1989), Cusick (2009), Biscaro (2014), Jacobs (2017) e Caldeira (2019).

Palavras-chave. Diversidade de Gênero. Vocalidade. Performance Vocal. Práticas Corais Inclusivas.

Title. Voice, Gender and Performance: Pathways to Inclusive Choral Practices

Abstract. This work presents a section of an exploratory master's research that investigates the vocal specificities of trans choir singers within the context of adult choral singing. Grounded in a qualitative approach, the Study understands voice as a sociocultural construct shaped by gender identity. Through semi-structured interviews with professionals who work with trans choristers, the research analyzes how gender influences vocal classification, section organization, and didactic strategies during rehearsals. The investigation aims to highlight the relationship between choral music and gender diversity, contributing to the recognition, appreciation, and sense of belonging of trans voices in artistic and musical spaces. This article discusses the intersections between gender, vocality, and performance. The main theoretical-methodological references are: Scott (1989), Cusick (2009), Biscaro (2014), Jacobs (2017) and Caldeira (2019).

Keywords. Gender Diversity. Vocality. Vocal Performance. Choral Inclusive Practices.



Introdução

Este artigo apresenta um recorte de minha pesquisa de mestrado em andamento, do Programa de Pós-Graduação em Música da UFRJ, que investiga as relações entre voz, gênero e performance no contexto do canto coral adulto, com principal interesse nas vozes de coralistas trans. Partindo da compreensão de que a vocalidade também se constitui como construção sociocultural e que não se delimita apenas a uma dimensão biológica, o estudo busca questionar os limites das classificações vocais tradicionais e discutir caminhos para práticas corais inclusivas. A pesquisa, que se encontra num momento inicial, dialoga com referenciais dos estudos de gênero, da etnomusicologia, da fonoaudiologia e da performance, articulando uma reflexão crítica sobre como as concepções de vocalidade influenciam processos de reconhecimento e pertencimento em ambientes corais.

A pesquisa adota uma metodologia qualitativa e de caráter exploratório, baseada em entrevistas semiestruturadas com profissionais que trabalham diretamente com coralistas trans em diferentes áreas ligadas à voz, como regentes, professores(as) de canto e fonoaudiólogos(as). O propósito é compreender as múltiplas sonoridades que as vozes trans podem revelar na construção de práticas corais, ao mesmo tempo em que se identificam estratégias pedagógicas e ações de acolhimento que emergem nesse contexto — desde os cuidados técnicos e vocais até a postura do (a) regente nos ensaios. A análise dos dados enfatizará tanto os aspectos técnicos quanto as experiências destes profissionais, buscando indicar caminhos para abordagens corais que respeitem e valorizem a diversidade vocal de pessoas trans de forma saudável e ética.

1. Breves considerações sobre gênero, vocalidade e performance artística a partir da revisão bibliográfica realizada

Para o presente artigo, apresento parte do referencial teórico da dissertação de mestrado contando com pesquisadoras e pesquisadores como Jean Scott (1989), Suzanne Cusick (2009), Bárbara Biscaro (2014), Daiane Jacobs (2014), Bruno Caldeira (2019), além de



Diego Martinho e Ana Carolina Constatini (2024), com intuito de embasar os diálogos acerca do tema sobre gênero, vocalidade e performance artística.

1.1. Definições de gênero

Do ponto de vista da biodiversidade e da expressão humana, é possível afirmar que a diversidade é uma característica inerente ao nosso mundo. As formas de ser e pensar são construídas e atravessadas pela história, pela biologia, pelo meio social e pela cultura. São constantes as transformações que as nossas sociedades sofrem durante os anos. A fluidez e a predisposição para mudanças delineiam essa trama complexa e de longa data que é a história da humanidade.

Sob uma perspectiva humanista, os corpos e suas vontades são interpretados e reorganizados mediante a um contexto social, cultural e político. Relações de poder são estabelecidas e delimitam as formas e desejos dos corpos, levando em conta alguns fatores como: regionalidade, cor, etnia, religião, extrato social, gênero e sexualidade. Deste modo, ao lidar com o ser humano e sua expressão artístico-musical (esta que faz parte da cultura), se torna esclarecedor reconhecer os aspectos que moldam as ações, pensamentos e emoções de cada pessoa. Segundo Hans-Joachim Koellreutter (1990):

A maneira de o homem satisfazer a todas as suas necessidades ou desejos gera a cultura. E ela ocorre através de um complexo sistema de atividades materiais, sociais e intelectuais [...] o homem não nasce como homem, mas sim como ser vivo com potencialidades humanas. O homem torna-se homem em virtude de relacionamentos vitais na sociedade. Por cultura, então, deve-se entender a totalidade dos esforços e empenhos dos homens, dos seus objetivos de vida, de suas necessidades e interesses sociais. (Koellreutter, 1990, p. 2 a 3)

Dentre os atravessamentos sociais existentes, um deles se encontra relacionado ao gênero em sua diversidade e comunidade, antigamente representada pela sigla GLS¹ e hoje substituída pela sigla LGBTQIAPN+². Esta grande combinação de letras destaca as diversas formas de ser e sentir, podendo ser abreviada como LGBT+ e outras variações das letras

¹ Sigla para Gays, Lésbicas e Simpatizantes.

² Sigla para Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Queer, Intersexo, Assexual, Pansexual, Não binário.



acrescentando o sinal de soma “+”³ (LGBTQ+, LGBTI+, LGBTQI+, LGBTQIA+, etc.). Para além da função de rotular e classificar, a sigla é um símbolo para expressar a compreensão sobre a pluralidade do ser humano.

Sejam quais forem as letras ou nomenclaturas utilizadas, quando se trata da comunidade LGBT+, especialmente a comunidade transgênera, é necessário discorrer, mesmo que brevemente, sobre as noções acerca do gênero. Ao consultar o Guia de Diversidade LGBTQIAP+ (2023), encontra-se que “gênero diz respeito aos aspectos sociais atribuídos ao sexo (masculino ou feminino) [e] está vinculado a construções sociais, não a características naturais” (Guia de Diversidade LGBTQIAP+, 2023, p.9). Suzanne Cusick (2009) aborda a definição de gênero como “sistema de poder social baseado nas relações humanas com fins na reprodução sexual. O sistema, seja qual for, depende da definição e imposição de normas sexuais” (Cusick, 2009, p.7).

Já a pesquisadora e socióloga Jean Scott (1989) apresenta seus estudos sobre gênero como categoria de análise e discorre amplamente sobre gênero. A autora aponta que ele pode se tornar um indicativo das construções sociais e que “é uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres” (Scott, 1989, p.7). Scott diz que:

O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. Com a proliferação dos estudos do sexo e da sexualidade, o gênero se tornou uma palavra particularmente útil, porque ele oferece um meio de distinguir a prática sexual dos papéis atribuídos às mulheres e aos homens. (Scott, 1989, p.7)

Diante das referências apresentadas que tratam sobre gênero, torna-se evidente que esse aspecto ultrapassa os limites biológicos e assume grande importância na construção das relações sociais. O entendimento do gênero como construção sociocultural e performática, como propõe as autoras Cusick e Scott, permite deslocar a discussão para além das dicotomias homem/mulher, abrindo espaço para a compreensão da pluralidade das identidades de gênero

³ O símbolo de soma representa as demais orientações sexuais e identidades de gênero que não são mencionadas na sigla LGBTQIAPN. “O símbolo de soma no final da sigla é para que todos compreendam que a diversidade de gênero e sexualidade é fluida e pode mudar com o tempo, retirando o “ponto final” que as siglas anteriores carregavam, mesmo que implicitamente. Os estudos de gêneros e sexualidade mudam e vão continuar mudando e evoluindo, assim como qualquer outro campo das ciências”. (Guia de Diversidade LGBTQIAP+, 2023, p.10).



existentes. Ao reconhecer gênero como atuante sobre corpos sexuados e suas expressões, compreendemos que refletir sobre vocalidades diversas, especialmente no campo da música e da performance, exige um olhar atento às implicações sociais e simbólicas que envolvem a voz e a escuta.

1.2. Gênero e vocalidade na performance artística e musical

Na área da música, Daiene Jacobs (2017) traça paralelos entre os estudos de Butler e Preciado, ressaltando que “os atos de gênero são marcas, gestos, signos intencionais, culturalmente atribuídos aos gêneros, e repetidos para serem mantidos como naturais” (Jacobs, 2017, p.3). Ao desenvolver seu discurso, Jacobs questiona a relação entre gênero e voz, ao apresentar o entendimento sobre códigos sociais e que o gênero pode subverter tais códigos, “através de dissonâncias entre a fisicalidade dos corpos e os atos de gênero” (Jacobs, 2017, p.3). Daiene Jacobs também pontua:

A voz também é uma produção corporal e uma produção de corporeidade. A partir das discussões de Butler (2003) e Preciado (2002) sobre sexo e gênero, podemos pensar que estas práticas de naturalização de atos de gênero estão inscritas também na vocalidade atrelada aos diferentes sexos. E, do mesmo modo, que práticas subversivas de gênero, que apresentam dissonâncias em suas corporeidades significantes, compreendem também a produção vocal (Jacobs, 2017, p.4).

Ao encarar a vocalidade como identificação de um indivíduo, Bruno Caldeira (2019) destaca a perspectiva social quando discorre sobre vozes de “pessoas que não se identificam com os gêneros do binarismo homem-mulher como: travestis, transexuais etc” (Caldeira, 2019, p.24). O autor desenvolve como pesquisa o relato do processo técnico-vocal de cantores transmasculinos durante a transição vocal e aponta que “a voz que se espera de um gênero é uma construção sociocultural, assim como o gênero também o é” (Caldeira, 2019, p.24).

Jacobs (2017) ainda discorre sobre a limitação que a classificação vocal por gênero pode gerar em relação ao que a pessoa escuta de si própria e de outras. A autora traz provocações acerca da escuta e “das possibilidades de relação entre voz e gênero na produção vocal em cena, visto que a voz também se forma nas fricções entre o ser e o mundo” (Jacobs, 2017, p.10). A



classificação vocal por gênero pode influenciar o desempenho vocal da pessoa cantora e Jacobs destaca que:

A classificação vocal por gênero pode limitar tanto a noção de treinamento vocal quanto de escuta (o que eu pretendo ouvir, do outro e de mim mesm^x) para x artista da cena. [...] Então, uma escuta expandida, intercultural, investigativa, poderia possibilitar uma expansão do repertório vocal para x artista da cena? Na medida em que se amplia o repertório de escuta dx atuante pode haver uma expansão das possibilidades de relação entre voz e gênero na produção vocal em cena, visto que a voz também se forma nas fricções entre o ser e o mundo (e na escuta do mundo). (Jacobs, 2017, p.10).

Dessa forma, é possível traçar paralelos entre gênero e voz, com intuito de fomentar discussões sobre um campo que ainda se encontra num momento exploratório. O interesse pela temática dos atravessamentos de gênero e vocalidade tem surgido na contemporaneidade dos séculos XX e XXI e ainda há muitas lacunas a serem preenchidas por estudos estatísticos, quantitativos e qualitativos, que abordem tais assuntos. Fomentar debates e reflexões sobre o gênero estar atrelado à voz e como ambos se expressam no palco pode se tornar um caminho esclarecedor para a compreensão de tipos vocais que são atravessados pela ambiguidade de gênero, como as vozes trans, que subvertem as noções de gênero através de suas expressões artísticas.

Nesse sentido, a pesquisadora Bárbara Biscaro (2014) trata sobre o termo “voz em performance”, considerando a definição de Silvia Davini (2007). Tal termo faz referência à voz em estado de performance, mas, para além de aspectos apenas técnicos ou estéticos, se interessa também pelos signos éticos, políticos e culturais que a voz pode expressar, considerando a presença do corpo. A autora traz inquietações acerca destes corpos-vozes e como as classificações vocais foram forjadas no decorrer da história ocidental. Determinados corpos-vozes se expressam e trazem provocações sobre as expectativas de gênero consolidadas a partir de uma cultura marcada pela valorização da cisheteronormatividade⁴ expectativas essas que

⁴ Faz parte da [cisheteronormatividade] defender a ideia de que existe apenas um jeito de ser saudável e feliz. Esse jeito único, para a [cisheteronormatividade], inclui: 1) ser uma pessoa heterossexual, ou seja, sentir atração afetiva/sexual somente pelo sexo/gênero diferente do seu; 2) ser uma pessoa cis, ou seja, estar em total acordo com o gênero atribuído no nascimento. Uma pessoa cis é aquela que, ao nascer, foi classificada como do gênero masculino ou feminino e aceitou tal classificação para sua vida; Vale lembrar que gênero é uma construção social com base no sexo biológico da pessoa. (Carvalho, Marques; 2023).



interferem na forma como as vocalidades se consolidaram e como são classificadas durante a história.

É interessante destacar o que Biscaro define sobre androginia vocal ao tratar de corpos-vozes que se estruturam a partir da ambiguidade entre corpo e vocalidade. Nesse ponto, a autora pontua sobre os *castrati*⁵ (corpo masculino com vocalidade feminina) e *Ermafrodite Armoniche*⁶ (corpo feminino com vocalidade masculina), já que ambos operam com deslocamento entre sexo, gênero e vocalidade na cena e ilustram com significância o que se refere à voz em performance. Eis, então, que Biscaro coloca a seguinte questão: como as questões de gênero são audíveis na cena?

Diego Martinho e Ana Carolina Constantini (2024), paralelamente, trazem um estudo sobre a correlação entre parâmetros acústicos e satisfação vocal com pessoas de diversos gêneros, sobretudo pessoas trans. Como conclusão, os autores pontuam:

Este estudo destaca a complexidade da percepção vocal e como diferentes medidas acústicas estão associadas à satisfação vocal em vários grupos de gênero. As diferenças e correlações significativas encontradas são conscientes com a literatura existente e expandem o conhecimento ao incluir falantes transgêneros e não binários. Ao mostrar a diversidade além das categorias masculina e feminina cisgênero, as descobertas enfatizam que as vozes transgênero e não binárias diferem das vozes cisgênero. (Martinho e Constantini, 2024, p14).

Em resumo, o estudo de Martinho e Constantini trata como a escuta se relaciona com gênero, e como ambos são produções socioculturais. Assim como aponta que, para lidar com as vozes trans se faz necessário um olhar atento e uma escuta sensível a como gênero é expresso vocalmente.

2. Vozes trans no âmbito coral

⁵ “Homens castrados na infância que aliaram o timbre agudo (apreciado como um fetiche na forma musical operística) com a potência muscular do homen para atingir uma vocalidade considerada única”. (Biscaro, 2014, p.20)

⁶ “Pesquisadas atualmente pelo musicólogo Marco Beghelli – mulheres cantoras com timbres graves que se aproximavam da vocalidade instituída como masculina e, do mesmo modo que os castrati, operavam esse descolamento entre sexo, gênero e vocalidade na cena operística”. (Biscaro, 2014, p.21).



Quando se trata do âmbito do canto coral, na maioria das vezes, é função do (a) regente lidar com as vozes de coralistas. Trabalhar com vozes de pessoas trans, em coro, implica em renovar abordagens didáticas e estratégias para o desenvolvimento vocal, a construção de sonoridade e a escolha de repertório. Compreender como gênero está atrelado à produção vocal, à performance e à escuta pode ser um ponto de partida para contribuir com as indagações em relação a vozes trans. Dessa maneira, é possível estruturar conhecimentos sobre abordagens didáticas de ensaio e técnica vocal considerando as vozes trans, além de fomentar diálogos sobre o tratamento com essas vozes, tendo o gênero como um parâmetro a ser considerado além dos aspectos timbrísticos e fisiológicos.

Nesse sentido, o intuito não é propor ou criar novas nomenclaturas, mas compreender como o objeto de estudo se manifesta na prática e de que maneira os (as) profissionais têm lidado com as questões relacionadas à vocalidade trans no âmbito do canto coral. Reformulações de frases, o uso consciente de pronomes e artigos corretos, além do uso da linguagem inclusiva⁷ são algumas das estratégias apontadas pela literatura para evitar linguagem neutra e termos discriminatórios. Nesse sentido, gostaria de destacar algumas das doze posturas listadas por Jane Ramseyer Miller (2016), que regentes podem tomar para criar coros em que pessoas de todas as identidades de gênero se sintam seguras e bem-vindas, como por exemplo:

- 4) Se alguma pessoa coralista compartilha que ela está transicionando com testosterona, pergunte quando ela começou e como a transição afetou sua voz. Leva em torno de de 12 a 16 meses para a voz cantada de uma pessoa adulta se estabelecer numa tessitura consistente que pode levar até dois anos para estabilizar.
 - 5) Atribua para cada coralista seu naipe de acordo com extensão e timbre ao invés do gênero. Se alguém está transicionando, cheque sua extensão a cada 3 ou 4 meses e acompanhe o movimento o quanto for necessário.
 - 8) Use linguagem inclusiva no ensaio e convite aos chefes de naipe e coralistas a também seguirem a proposta.
- (Miller, 2015, p.2 e 3)

Ao que tange a comunicação, no Guia de Linguagem Inclusiva (2025), também é possível encontrar direcionamentos para uma linguagem inclusiva, que reconhece as diferenças e a diversidade. Este Guia sugere: usar termos sem demarcação binária de gênero como: quem,

⁷ A linguagem inclusiva é aquela que busca comunicar sem excluir ou invisibilizar nenhum grupo e sem alterar o idioma como o conhecemos. (1º Guia de Linguagem Inclusiva, 2025, p.7)



alguém, pessoal, gente; evitar o uso dos pronomes “o” ou “a” para se referir às pessoas, por exemplo: “para coralistas” ao invés de “para os coralistas”; e evitar o uso de ‘eles’, ‘aqueles’ e substantivos masculinos para se referir a pessoas não identificadas ou desconhecidas (Guia de Linguagem Inclusiva, 2025, p.8).

Considerações finais

É importante ressaltar que este trabalho busca contribuir com a comunidade coral e com o campo da pesquisa artística, de modo que ambos possam se constituir como espaços que acolhem a diversidade da comunidade LGBTQIA+, com especial atenção à comunidade transgênera, promovendo o reconhecimento vocal, a descoberta de novas sonoridades e o pertencimento nos grupos corais.

As reflexões apresentadas ao longo deste trabalho reforçam a necessidade de ampliar os debates sobre gênero, vocalidade e performance no contexto coral, reconhecendo que a diversidade vocal é uma realidade contemporânea. Ao deslocar o olhar das classificações vocais rígidas para perspectivas mais abertas e inclusivas, contribui-se para práticas corais que valorizem o potencial criativo e expressivo de cada pessoa.

Nesse sentido, a pesquisa evidencia que as vozes trans, quando reconhecidas em sua complexidade, oferecem novas possibilidades estéticas e pedagógicas para o fazer musical coletivo. O canto coral, enquanto prática social e artística, pode assumir um papel transformador ao propor escutas diversas e repertórios que dialoguem com a pluralidade de existências. Assim, ao acolher as singularidades vocais e de gênero, não apenas se fortalece o pertencimento dos coralistas trans, mas também se ressignifica a própria concepção de sonoridade coral, tornando-a mais diversa, justa e representativa.

Referências

BARROS, Alana Dantas. *A relação entre a voz e expressão de gênero: a percepção de pessoas transexuais*. 2017. 84 f., il. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

BISCARO, Bárbara. *Gênero, sexo e escuta na voz em performance*. Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 22, p. 15–26, 2014.



CARVALHO, Marcos. O que é [cisheteronormatividade] e por que ela pode trazer infelicidade. Folha de Dourados, 2 mar. 2023. Disponível em: <https://www.folhadedourados.com.br/o-que-e-cis-heteronormatividade-e-por-que-ela-pode-trazer-infelicidade/>.

CALDEIRA, Bruno. *O processo de despedir-se de uma voz: percursos de transição vocal de cantores transmaculinos*. 2019. 91 f. Monografia (Especialização) - Curso de Graduação em Música - Licenciatura (Habilitação em Canto), Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

Guia de Diversidade LGBTQIAPN+ no setor público. Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania (SMDHC) e Coordenadoria de Defesa dos Direitos Difusos e Enfrentamento à Intolerância Religiosa (CODIR). Niterói, RJ, 2020.

Guia de Linguagem Inclusiva & Expressões para conhecermos e evitarmos. Organização Nacional de Sistema Elétrico. 2025.

CUSICK, Suzanne. Gênero e música barroca. Tradução de Silvana Scarini. Per Musi, Belo Horizonte, n.20, 2009, p.7-15.

JACOBS, Daiane Dordete Steckert. *Corpo Vocal, Gênero e Performance*. Revista Brasileira de Estudos da Presença, vol. 7, núm. 2, 2017 Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=463551072001>

MARTINHO, Diego Henrique da Cruz; CONSTANTINI, Ana Carolina. *Acoustic Measures According to Speaker Gender Identity: differences and correlation with vocal satisfaction*. Journal Of Voice, Campinas, dez. 2024.

MILLER, Jane Ramseyer. *Creating Choirs that Welcome Transgender Singers*. The Choral Journal, Oklahoma, v. 57, n. 4, p. 61-61, Nov. 2016. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/24883861>>

KOELLREUTTER, Hans-Joachim. *Educação musical no terceiro mundo: função, problemas e possibilidades*. Cadernos de Estudo: Educação Musical 1, São Paulo, n. 1, p. 1-8, ago. 1990.

SCOTT, Jean. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Gender and the politics of history. New York, Columbia University Press. 1989.

